



A Pia União das Filhas de Maria em Conchas/SP: entre a profanação e a romanização do catolicismo interiorano¹

The Pious Union of the Daughters of Mary in Conchas/SP: between the profanation and the romanization of countryside Catholicism

Fábio Falcão Oliveira²

Resumo: O presente artigo tem por finalidade analisar como a Associação Pia União das Filhas de Maria se apresenta, como associação, no interior de São Paulo, na pequena cidade de Conchas. Entendendo que é importante o contexto do movimento ultramontano que se perpetuou na primeira metade do século XX, a proposta é compreender como o movimento ultramontano se torna presente na Associação e como elas percebiam o mundo a sua volta. Este ponto levantado será nosso objeto de pesquisa, que é investigar como a Pia União das Filhas de Maria participava do processo de romanização diante do contexto social, místico e educativo dos elementos antagônicos – sagrado e profano – na cidade de Conchas/SP.

Palavras-chave: Filhas de Maria; Ultramontanismo; Sagrado; Profano.

Abstract: The present article aims to analyze how the Pious Union of the Daughters of Mary presents itself as an association in the countryside of São Paulo in the small town of Conchas. Understanding that the context of the ultramontane movement that was perpetuated in the first half of the 20th century is important, the proposal is to understand how the ultramontane movement becomes present in the Association and how they perceived the world around them. This point will be the object of our research, which is to investigate how the Pious Union of the Daughters of Mary participated in the process of romanization vis-à-vis the social, mystical and educational context of the antagonistic elements – sacred and profane – in the city of Conchas/SP.

Keywords: Daughters of Mary; Ultramontanism; Sacred; Profane.

Introdução

O presente artigo se situa no âmbito das pesquisas que estudam as vinculações entre movimento católico leigo no Brasil e educação. Aborda especificamente as relações estabelecidas

¹ Recebido em 26 de agosto de 2021. Aceito em 27 de março de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em História da Educação pela Universidade Federal de São Carlos/SP, com Mestrado em Educação e Graduação em Filosofia pela Universidade Metodista de Piracicaba/SP. Professor de Filosofia da Universidade do Recôncavo da Bahia locado no Centro de Formação de Professores (CFP), na cidade de Amargosa, Bahia. E-mail: fabiofalcao@ufrb.edu.br.



na Associação da Pia União das Filhas de Maria com a cidade de Conchas no interior de São Paulo, município que, naquele período, era rota de romeiros que buscavam milagres.

Este artigo é uma pesquisa desenvolvida ao longo de dois anos na cidade de Conchas, no interior de São Paulo. Nesta pesquisa, constatamos que a Pia União das Filhas de Maria da Igreja de Conchas deixou um legado documental interessante para ser investigado. Como fonte documental, utilizamos as Atas da Instituição que permaneceram anônimas e datam da década de 1930. Esta documentação é uma fonte inédita de investigação e se torna importante para os núcleos acadêmicos e pesquisadores da História das Religiões e Teologia que se ocupam com a atuação das Congregações Católicas no Brasil.

A maior parte dos documentos foi obtida na Igreja de Conchas e na Arquidiocese de Botucatu, onde estão as fontes primárias. Estes documentos primários – Atas da Pia União das Filhas de Maria – foram reunidos e analisados com a finalidade de apresentar o tema para pesquisas futuras.

Outras fontes utilizadas para a pesquisa deste artigo são as cartas e os jornais da época, cujos documentos e periódicos foram selecionados em arquivos da própria Arquidiocese de Botucatu, da Congregação de Conchas. Também consultamos teses de doutoramento e dissertações de mestrado para ampliar a dimensão da atuação da Pia União das Filhas de Maria.

O levantamento e a análise dessa documentação possibilitaram entendermos a organização e devoção da Pia União das Filhas de Maria, com os dogmas vigentes no período, como, por exemplo, o culto a Maria.

Esta investigação potencializou uma análise e produção de conhecimento a fim de abrir um campo de pesquisa no interior de São Paulo, de tal forma que futuros pesquisadores possam também contribuir para o desenvolvimento da produção científica. Apresenta, nesse sentido, a atuação da Associação para o estabelecimento do processo de romanização, mostrando como elas se posicionavam diante do mundo sagrado em relação ao secular.

A religiosidade no Brasil se constitui num processo cultural que caminha em direção a uma moral cristã, e isso é significativo para considerarmos a constituição da cultura brasileira e toda a sua pluralidade. E, no país, a relação entre cultura e educação se caracteriza por sua tenacidade. Assim, devemos abranger como se articulou a Associação e como a educação católica brasileira contribuía para uma proposta ultramontana possibilitando um movimento católico leigo, no contexto da reestruturação do interior do Estado de São Paulo.

Romanização na região

As fontes documentais e os arquivos foram organizados para fornecer de maneira coerente as informações sobre a prática educativa cristã no interior de São Paulo. Le Goff mostra-nos que:

o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores³.

Assim, a preocupação com o papel e a atuação do historiador é com a forma como ele se debruça sobre o *monumento/documento*. O autor lembra que todos os materiais colhidos em campo são “materiais da memória [e] podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador”⁴.

Ainda em relação aos documentos, Febvre esclarece que a profissão do historiador o coloca em contato com os documentos escritos, e a vivacidade científica se firma, nesta proposta, na análise dos documentos que num primeiro momento parecem belos:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta de flores habituais.⁵ Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas.⁶

Existe um interesse em fazer história para conservar a memória coletiva, conforme enfatiza Le Goff:

O interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos

³ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. p. 535.

⁴ LE GOFF, 1990, p. 535.

⁵ Mas se não houver como fabricar-lhe este mel de forma agradável, cabe ao pesquisador um árduo trabalho, conforme Febvre (1985, p. 249): “Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entre ajuda que supre a ausência do documento escrito?”

⁶ FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 249.



documentos; por exemplo, coloca em primeiro plano, para a história moderna, o registro paroquial que conserva para a memória todos os homens.⁷

Nesse sentido, ainda que seja intenso o trabalho do pesquisador, existe uma forma de ver o mundo documentado na cidade de Conchas. Por isto, essa pesquisa considera a abordagem das práticas sociais e religiosas como primordial para analisar o processo de romanização, seguindo as reflexões contidas nos textos de Mircea Eliade, que serão utilizados de maneira profícua para entendermos o que, no processo de romanização, se constitui em sagrado e profano⁸.

Este movimento da Pia União das Filhas de Maria parece-nos interessante por expressar pontos significativos da ação interiorana da prática cristã ditada pela Igreja Católica. Na Ata da Associação a educação se revela na forma como estas ideias são apresentadas. A ação educativa encontrada no interior de São Paulo e perpetuada, para que o processo de romanização se revele, pode ser analisada nesta documentação.

Movimento religioso em Conchas

Conforme é apresentado na pesquisa de Brion, a Associação das Filhas de Maria teve seu início no dia 23 de janeiro do ano de 1864 com o pároco Alberto Passèri da Igreja de Santa Inês em Roma. Com Passèri a Associação recebeu o título de Pia União das Filhas de Maria, e ela recebeu privilégios concedidos por Pio X, que a elevou à dignidade de primária, podendo ter o direito de agregar todas as outras em várias partes do mundo.⁹

Segundo Romano, um decreto de 07 de junho de 1908 do papa Pio X deu autoridade para estabelecer uma Nova Província Eclesiástica de São Paulo no Brasil e elevou São Paulo à Dignidade Arquiepiscopal. Nestes termos, nasceram cinco dioceses: Taubaté, Campinas, São Carlos, Ribeirão Preto e Botucatu.¹⁰

⁷ LE GOFF, 1990, p. 41.

⁸ ELIADE, Mircea. *O sagrado e profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

⁹ BRION, Ioneide M. Piffano. *As Filhas de Maria: uma História Social da Pia União*. Juiz de Fora: UFJF, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3810/1/ioneidemariapiffanobrion.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

¹⁰ ROMANO, Cristina de Toledo. *Santa Cecília: uma paróquia na confluência dos interesses da elite paulista e da Igreja Católica entre 1895 e 1920*. 2007. Tese (doutorado em História) – Departamento de História e Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007, p. 113. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04062008-100904/publico/TESE_CRISTINA_TOLEDO_ROMANO.pdf. Acesso em: 20 mar. 2015.

Segundo a pesquisadora citada, a Pia União das Filhas de Maria se estabeleceu na Paróquia de Santa Cecília no ano de 1905.¹¹ Neste mesmo ano, as irmãs da Pia União das Filhas de Maria, com apoio da Igreja Católica, estabeleceram-se na Congregação da cidade de Conchas. Porém ó foram reconhecidas após a elevação da Diocese de Botucatu, a qual as apoiou e reconheceu oficialmente como Associação atuante no ano de 1916.¹² Destacamos a importância do registro contido nas Atas da Pia União das Filhas de Maria como uma porta para compreendermos a sociedade nos anos seguintes e principalmente em 1930, que foi o momento em que começou a ser redigida.

A religiosidade, no início do século XX, tem várias manifestações cuja necessidade vale a pena investigar. Isso significa que necessitamos de um projeto cujo imperativo valeria uma investigação profunda do espaço sagrado. Sobre isso ressalta Eliade:

Para o homem religioso, o espaço sagrado não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras: há porções de espaços qualitativamente diferentes das outras [...] Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência 'forte', significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma amorfos.¹³

O que entendo por homogêneo é algo da mesma espécie ou da mesma natureza que outro objeto. O que Eliade quer nos dizer é que o homem religioso não tem uma propriedade igualitária espacial, mas revela-se na experiência apropriando-se do espaço real diante da vida, das possibilidades existentes e das experiências culturais vividas.¹⁴

No Brasil essas experiências religiosas são tão poderosas quanto a história da nação: o exemplo disso está no princípio da formação do Brasil, no período colonial, no qual a religiosidade se manifestou como projeto educador.¹⁵

De qualquer forma, Almeida relata que a prática religiosa e cultural da cidade de Conchas é algo visto por toda a região, fazendo parte da tradição local. Um exemplo é a cidade que se constituiu ao lado do rio das Conchas; por iniciativa e prática da fé, construiu-se a Capela de Bom Jesus de Conchas em 1890, que recebeu o nome da cidade: os eventos religiosos colocaram

¹¹ ROMANO, 2007, p. 245.

¹² FOLHA DE CONCHAS/semanário dedicado aos interesses da Comarca. Conchas e seu Desenvolvimento. Ano 5, n. 198. SÃO PAULO/CONCHAS: Registrada no D.N.I., 8 de julho de 1949, p. 17: Associação foi fundada na cidade de Conchas pelo P. Sandoval Pacheco no dia 5 de março que exercia a função de diretor. No ano de 1934 o Cônego João Quirino de Almeida passou a ocupar o lugar de Sandoval Pacheco como diretor da Associação.

¹³ ELIADE, 2008, p. 25.

¹⁴ ELIADE, 2008.

¹⁵ OLIVEIRA, Fábio Falcão. *Educação jesuítica; século XVII: Alexandre de Gusmão e o Seminário de Belém da Cachoeira*. 2014. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos/SP, 2014.

aquele lugar no mapa cultural e espiritual que marcaria toda a sociedade vigente, propagando os ritos da Igreja Católica.¹⁶

Nesse sentido, a religiosidade do século XIX fixou raízes profundas naquela região; a cidade era pequena, não tinha capela, mas teve atenção de Leão XIII, cuja dimensão histórica repercutiu na carta intitulada *Dominis Fortitudo Nostra* de 1896. Neste tempo, Leão XIII autorizou todo e qualquer tipo de manifestação da fé católica no interior de São Paulo, autorizando abrir as portas para congregações católicas atuarem em missões e no ensino.¹⁷ E quem ficou responsável por essa missão foi D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, que apoiou as manifestações de fé e a valorização cultural interiorana.

Verificamos que existiu esta preocupação porque a cidade de Conchas tinha grande excedente cultural favorecendo diversas pseudo culturas no final do século XIX. Por esse motivo, surgiu a necessidade de haver uma investida ultramontana que conservaria a tradição católica. Um exemplo disso vemos no jornal *Correio Paulistano* no ano de 1935, em que a cidade foi tomada de fervor pelas festas programadas pela Pia União das Filhas de Maria com apoio da Igreja Católica¹⁸. Assim, as festas, a catequese, as missas, o dogma são formas de manifestação da tradição católica, sendo que esse movimento pode ser definido como “ultramontano” e esse termo

[...] é a expressão usada no início do século XIX na França e na Alemanha, para indicar, na rosa-dos-ventos, o ponto escolhido de referência e fidelidade: ele está para lá das montanhas, para além dos Alpes. Seu nome é Roma, é Pedro, o papa. A reação ultramontana se desenvolveu sobre um plano duplo: tendência a reconhecer no Papa da Igreja, uma autoridade espiritual total, e a reivindicação para a Igreja da independência a respeito do poder civil, e mesmo de um certo poder ao menos indireto sobre o Estado.¹⁹

Toda essa forma de ver o mundo e estabelecer a educação para conservar a autoridade da Igreja, contra o processo de secularização da sociedade, era algo visível, no final do século XIX,

¹⁶ ALMEIDA, Luiz Nunes. *Rio Tietê Estrada Líquida dos Romeiros do Divino Espírito Santo*. 2008. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

¹⁷ CAVALCANTE, Joaquim Arcoverde de Albuquerque. *Carta de D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante/por Mercê de Deus e da S. SE APOSTÓLICA* [Bispo de S. Paulo, Prelado Domestico de S. S. LEÃO XIII neste dia 7 de Abril de 1896]. São Paulo: Folha 4/2 Livro 49, 1896.

¹⁸ NOTÍCIAS DO INTERIOR. *Correio Paulistano*. Conchas-SP, edição 24259, 24 de abril de 1935, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_08&pagfis=7498&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 20 mar. 2021.

¹⁹ WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987, p. 178.

em boa parte do Brasil. A cidade de Conchas, no interior de São Paulo, também levava todo o conservadorismo do século XIX e meados do século XX.

Isso é claro quando lemos a carta de D. Lino Deodato R. de Carvalho a João Batista Camargo da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Pereiras, cidade que se estabeleceu ao lado de Conchas, concedendo licença, por cinco anos para que a

Capela do Senhor Bom Jesus de Conchas situada na Estação de Conchas, filiada á Matriz da referida paróquia possa o Rvd. Pároco respectivo ou outro Sacerdote aprovado no Bispado e que esteja no gozo efetivo de suas ordens, efetuar a celebração do Santo Sacrifício da Missa em qualquer dia.²⁰

A preocupação da igreja no final do século XIX iria se propagar em forma catequética até meados do século XX. Um documento elaborado por D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, enviada à Cúria de São Paulo, informa sobre a situação religiosa da cidade de Conchas: “a construção foi à custa do auxílio popular, e tem sida conservada e consertada com o mesmo auxílio [...]. Não tem a Freguesia padres algum secular ou regular”²¹. A preocupação com o atual estado da Igreja de Conchas, como a falta de padres seculares ou regulares, mostra uma obrigação de estabelecer um projeto de romanização, que, segundo Brito, era um conceito caracterizado pela

valorização dos sacramentos, o incentivo à atuação de congregações imbuídas no ideal tridentino, em contraposição às antigas ordens religiosas; o incentivo às novas devoções sob controle clerical e o combate ao catolicismo popular. A romanização pressupunha também a reorganização das antigas irmandades e a suplantação das antigas práticas religiosas.²²

O processo de romanização da Igreja se constituía em um projeto que tinha por dimensão atingir não só os corredores clericais, mas também a população que estava mergulhada numa forma de catolicismo cultural ribeirinho, cuja manifestação se dava pelo ritual do culto ao Divino Espírito Santo, firmado pelas irmandades às margens do rio Tietê.

²⁰ CARVALHO, D. Lino Deodato Rodrigues de. *Carta de D. LINO DEODATO RODRIGUES DE CARVALHO, por Mercê de DEUS e da SANTA SÉ APOSTÓLICA. Bispo de São Paulo, do conselho de sua Magestade O IMPERADOR, etc. etc. etc* [a João Batista Camargo, para Paróquia da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Pereiras, concede licença a missas e outras celebrações dos sacrifícios da fé]. Botucatu-SP, Cúria Diocesana, Caixa 01, 22 de dezembro de 1890.

²¹ CAVALCANTE, Joaquim Arcoverde de Albuquerque. *Carta que passa a informar-vos sobre o actual estado desta freguesia de Conchas, cujo padroeiro é Bom Jesus* [Bispo de S. Paulo, Prelado Domestico de S. S. LEÃO XIII neste dia 24 de Março de 1905]. Botucatu: Cúria Diocesana, Caixa 1, Folha 16, 1905.

²² BRITO, Eliane Maria. *A romanização no Espírito Santo: D. João Nery (1896 – 1901)*. 2007. Dissertação (mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo/USP, 2007, p. 13.



Neste contexto, implantou-se a proposta ultramontana, no interior de São Paulo, na Igreja Católica com o apoio da Pia União das Filhas de Maria da Congregação de Conchas, que se estabeleceu na cidade de Conchas desde 1905, mas só seria reconhecida como Associação atuante no ano de 1916²³.

A Pia União das Filhas de Maria se organizou no Brasil no século XIX e se espalhou pelo território nacional no século XX. Segundo Amaral, a Pia União das Filhas de Maria se constituiu como uma Associação criada no início do século XII, “em Ravena, Itália, pelo Beato Pedro de Honestis (1049-1119). Este, tendo feito a promessa de construir uma igreja e um mosteiro em honra da Virgem, reuniu em torno de si, em uma propriedade de sua família, um grupo de clérigos sob o nome de ‘Os Filhos de Maria’, em honra de um ícone miraculoso de Nossa Senhora”, surgindo, desta maneira, a Associação com a finalidade de honrar Maria em nome de sua santidade.²⁴

Segundo Andrade, a Pia União das Filhas de Maria é uma confraria,

uma Irmandade religiosa formada exclusivamente por mulheres católicas solteiras, sob a orientação espiritual do pároco local, se constituía em lugar de práticas sociais de jovens pacatas, virtuosas, de comportamento e reputação ilibados, reunidas em torno da devoção à Virgem Maria.²⁵

A autora ainda nos informa que a Associação foi analisada pelo Papa Pio IX, caindo em sua graça, sendo aprovada com mérito e recebendo diligência para se estabelecer em qualquer parte do mundo e pregar os preceitos de Roma. No Brasil, elas se organizavam em Associações, tendo a primeira menção em Minas Gerais, no ano de 1853, durante o episcopado de Dom Antônio Ferreira Viçoso, e depois se espalharam por todo o território nacional.²⁶

A finalidade desta Associação era atender alunas e ensinar a pia religião, definindo-se no eixo ultramontano; neste sentido, deveriam demonstrar obediência total a Roma formando um

²³ FOLHA DE CONCHAS, 8 de Julho de 1949, p. 17.

²⁴ AMARAL, Walter Valdevino do. Atas da Reunião Mensal das Pia União das Filhas de Maria. Vol. I. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 3, n. 5, p. 67, jul. 2011.

²⁵ ANDRADE, Maria Lucélia. *Filhas de Eva como anjos sobre a Terra/A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945)*. 2008. Dissertação (mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008, p. 2.

²⁶ OLIVEIRA, Gustavo de Souza. Em favor da virtude: romanização e as filhas de Maria. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*, v. 1, n. 2, p. 3, ago./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5372>. Acesso em: 20 mar. 2015.



campo da moral cuja baliza se definia no modelo cristão²⁷. Perpetuar esse carisma por meio da proposta ultramontana era conservar a doutrina moral da Igreja, conforme percebemos na Ata de 11 de maio de 1934; além disso, “incutir no coração dos componentes da Associação o amor aos atos piedosos ao intensificar o ardor pelas práticas santas”²⁸.

As pesquisadoras Leonardi e Mazochi explicam que as congregações religiosas estrangeiras, em terras brasileiras, se beneficiaram da difusão da devoção feminina, a qual era comum na França. Compreende-se que nos séculos XIX e XX a devoção à mulher (Maria) no âmbito da tradição cristã era presente, e o exemplo disto está na identidade da Pia União das Filhas de Maria, que sempre valorizava a figura desta santa.²⁹

As atas das reuniões mensais da Pia União das Filhas de Maria relatam que as associadas que se reuniam deliberavam sobre aquelas que “achavam-se faltando aos deveres e obrigações”³⁰. Faltar com os deveres e as obrigações era deixar o “tempo-sagrado” e perder-se no “tempo-profano”, abandonando o carisma e a moral cristã. Mas o discurso da Pia União das Filhas de Maria era poder resgatar as mulheres que estavam em profanação ou pecado, trazendo-as para o “tempo-sagrado” e para a dimensão eclesial da moral.

Um exemplo disso é descrito em uma das atas da Associação; a ocasião se deu no momento da realização de uma festa na cidade de Conchas. Uma jovem deveria ir à Associação se reunir com as irmãs da Pia União das Filhas de Maria e para isso, ela teve que passar pela festa que estava sendo realizada. Neste contexto, a festa era um encontro profano, ou melhor, uma festa não católica, e, quando chegou à reunião da Associação, falaram que ela passou no meio da festa não católica e a mesma foi excluída da Associação. Mesmo tendo justificado que só passou pelo local para chegar à reunião, isso não foi o bastante para deixá-la na irmandade. Este relato mostra que a imagem de pureza na figura de Maria permanece como exemplo a ser seguido com

²⁷ ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*, v. II. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 304: Isso vem desde os primórdios, quando, segundo a tradição cristã, invocava “*enthousiasmo*” como forma de carisma e prática religiosa.

²⁸ ATA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA [escrita e dirigida por João Quirino de Almeida]. CONCHAS-SP: Igreja de Conchas, 1934 – 1940, [1934], p. 2.

²⁹ LEONARDI, Paula; MAZOCHI, Letícia Aparecida. Revista, Santuário e escola: a atuação dos saletianos na educação no Brasil. *Pro-Posições: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação, Unicamp*, Campinas/SP: UNICAMP, v. 25, n. 1 (73), p. 99-116, jan./abr. 2014.

³⁰ ATA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA/1934 – 1940, 1934, p. 2.



a Pia União das Filhas de Maria, e tudo que pudesse ser profano (uma festa, uma bebida, uma fala) era considerado como um sacrilégio.³¹

Segundo Silva, a lógica do dogma estabelecido pela Pia União das Filhas de Maria da cidade de Conchas/SP anda em conformidade com o Manual da Pia União das Filhas de Maria, a qual objetiva normatizar todas as Pias Uniões. As associadas sempre devem conhecer os objetivos normativos e sacros da Congregação vigentes, e isso significa que todos os passos de conduta moral, normas, processo iniciativo da da congregação a Santíssima Virgem, a forma do recebimento da medalha, a leitura dos livros, a vida, o exercício do dogma católico e também todos os motivos de exclusão de uma associada pautam-se no Manual da Pia União e sempre visam a preservação da integridade da Igreja Católica na década de 40.³²

Parece estranho quando percebemos que essas questões eram claras para aquela época, mas a tradição religiosa se emaranha com essa prática humana da cidade de Conchas/SP que se estabelece como trilho, bem definido, para uma forma religiosa, cujo objetivo é não se desviar dos caminhos da Igreja. Trata-se de uma sociedade campesina e religiosa onde o caminho religioso traçado pela Igreja é o de salvaguardar a alma dos atribulados vivendo entre o tempo sagrado e o profano.

No Manual da Associação, o *tempo sagrado* é singular para uma filha de Maria; ela deveria sempre, e de forma solene, pertencer à dimensão *ab origine, in illo tempore*: “Lembre-se sempre, minha filha, do solene contacto que fizeste com a Virgem Santíssima; tu lhe deste teu coração e recebeste o seu – Cumprindo-se então um mistério inefável...”³³ Afastando-se da dimensão do profano (tempo-profano) e valorizando a doutrina romana, o papel da filha de Maria sempre será o de cumprir o contato solene com o *tempo sagrado*. Isso tudo possibilita a construção de uma diversidade cultural e educativa que valoriza o mundo presente: “a Igreja é um mundo [...] ela está no mundo. Mais do que isso, está em diversos mundos, altamente diversificado do ponto de vista histórico”.³⁴

³¹ ATA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA/1934 – 1940.

³² SILVA, Maria de Fátima Santana. *A Pia União das Filhas de Maria da cidade de Goiana; 1906-1920*. 2007. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

³³ FILHA DE MARIA: Como deve ser a vida e a morte de uma boa Filha de Maria – Manual da Pia União das Filhas de Maria. São Paulo: Ave Maria/Imprimatur-Mons. Pereira Barros, 1929, p. 7.

³⁴ SEIDL, Ernesto. DOSSIÊ: Catolicismo e Formação Cultural. *Pro-Posições: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação, Unicamp*, Campinas/SP: UNICAMP, v. 25, nº 1 (73), p. 26, jan./abr. 2014, p. 26. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642473>. Consultado em: 20 mar. 2015.

Rogers, em uma pesquisa intitulada *Congregações femininas e difusão de um modelo escolar: uma história transnacional*, lembra a importância de estudar as congregações, cuja influência destaca-se no papel feminino.³⁵ São elas que acabam difundindo a cultura, a educação, a moral, entre outras coisas, e estabelecem como modelo uma baliza para guiar a família diante da doutrina sagrada, pregada pela Igreja Católica, conforme escreve João Quirino de Almeida: “sejam sempre modelos de virtude cristã em prol o qual e esforça a comunidade”³⁶.

Segundo Brito, as Ordens Católicas, no século XIX, tinham como finalidade o “controle social”, isto é, “fazia parte da proposta ultramontana” combater a propagação de falsas irmandades, denunciar as festas pagãs que se mesclavam com os ritos da Igreja e fazia “todos os meios para impedir *abusos e escândalos*” na sociedade.³⁷ Todo este costume que se propagava no século XX, talvez herança da mescla de costumes desde o período colonial, é tachado e repreendido. O maior exemplo desta proposta de controle social e perpetuação da fé católica está na Associação Pia União das Filhas de Maria.

A devoção pela fé católica deveria ser regular para as associadas, e uma simples falta nas reuniões mensais levaria ao desligamento da Pia União das Filhas de Maria. Como ocorreu no dia 13 de janeiro de 1935, em que foi notificado que algumas irmãs foram desligadas porque “andaram faltando e mostrando tão pouco amor a tão boa caridosa Mãe (MARIA)”³⁸.

O controle religioso/social era necessário para promover a proposta ultramontana, pois, segundo Seidl,

dotada de instrumentos institucionais privilegiados – presença universal, sede em país central da Europa, ampla e variada rede de formação escolar, etc. –, a Igreja demonstra controlar com rigor sua lógica de reprodução ao lançar mão de estratégias e mecanismos bem definidos de cooptação e formação de seu contingente de especialistas, sobretudo seus dirigentes.³⁹

Entendemos que a Igreja Católica sempre se mostrou preparada para controlar a lógica cultural e, para isso, nunca deixou de promover mecanismos, como escreveu o autor, para galgar

³⁵ ROGERS, Rebeca. Congregações femininas e difusão de um modelo escolar: uma história transnacional. *Pro-Posições: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação, Unicamp*, Campinas/SP: UNICAMP, v. 25, n. 1 (73), p. 55-74, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/pp/a/YrfNKfpJ96cghcWKt86yqfj/abstract/?lang=pt>. Consultado em: 20 mar. 2015.

³⁶ ATA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA/1934 – 1940, 1935, p. 5.

³⁷ BRITO, 2007, p. 83.

³⁸ ATA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA/1934 – 1940, 1935, p. 6.

³⁹ SEIDL, 2009, p. 287.



uma lógica universal de reprodução de formação e mecanismos no âmbito da formação escolar e, se necessário, reproduzir um contingente de indivíduos que lutasse em favor da propagação da doutrina. Ou seja, tanto no campo cultural como intelectual, a Igreja sempre se destacou em todas as dimensões. No Brasil, no século XX, na cidade de Conchas, o terreno estava bem demarcado. A Pia União das Filhas de Maria se estabeleceu e praticamente definia quais os verdadeiros caminhos a se percorrer para alcançar a sagração religiosa católica.

Ao longo das atas mensais da Associação, notamos que havia uma projeção da mística católica nos anos de 1934 em diante. Verificamos que a maneira como a Pia União das Filhas de Maria percebia o mundo em sua volta se dava pela iniciativa de promover uma educação religiosa. Percebe-se isso por meio de uma série de questões, quando João Quirino de Almeida escreve a ata e define a Associação em Conchas-SP como uma instituição de mulheres cuja proposta de moral cristã deveria ser apresentada, aspecto que deveria constar visivelmente no campo educativo que, aos poucos, estava se enraizando naquela cidade. A Pia União das Filhas de Maria, nesse aspecto, perpetuava esse carisma pedagógico; além disso, conservava a doutrina e a moral expandida nos preceitos da doutrinação católica efetivada pela educação.⁴⁰

Da associação e sua prática

Desta forma, é necessário entender os grupos que professam a fé, na primeira metade do século XX. O interior paulista não está à margem do processo histórico e deveria ser estipulado um legado para pesquisar as inúmeras formas de produção do conhecimento no campo educativo.

Essa justificativa fica clara quando analisamos as atas da Pia União das Filhas de Maria e notamos que havia uma diversidade de fatos documentados, mostrando a importância desta Associação, que contribui para entendermos o papel dos indivíduos na sociedade daquele período. Por exemplo, nas atas da Pia União das Filhas de Maria de 1934-1940 informa-se que, no dia 14 de abril de 1935, a população e toda congregação vinham até a Associação para decidir como seriam as festas, “Para que sejam celebradas com todo brilhantismo em honra da nossa mãe Santa”⁴¹. Isso demonstra que a Associação tinha visibilidade naquela cidade, a ponto de

⁴⁰ ATA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA/1934 – 1940, 1934.

⁴¹ ATA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA/1934 – 1940, 1935, p. 9.



decidir como deveriam ser as festas formadas dentro de um modelo cristão sem se desviar para uma prática profana.

As festas são, para a maioria da cristandade, reatualização dos atos divinos e, por isso, entram no calendário sagrado, conforme lembra Eliade:

A reatualização periódica dos atos criadores efetuados pelos seres divinos *in illo tempore* constitui o calendário sagrado, o conjunto das festas. Uma festa desenrola-se sempre no Tempo original. É justamente a reintegração desse Tempo original e sagrado que diferencia o comportamento humano durante a festa daquele de antes ou depois.⁴²

Essa forma de reatualização acontece durante as festas sacras e leva-nos a pensar que o tempo é reinventado para constituir um signo sagrado que reafirma a população numa modalidade moralista. Segundo Primolan, o catolicismo já havia conseguido isso no interior paulista: “constatou-se que no Oeste Paulista, no início da década de 1930, o catolicismo romanizado estava plenamente consolidado: imposição da hierarquia, associações religiosas e doutrina respectiva”⁴³, salvo cidades como Piracicaba, na mesma região, que tinha uma presença forte de protestantes, principalmente metodistas.

Nesse aspecto a cidade de Conchas, localizada a 210 km da capital, estava passando por esse processo de romanização, algo que acontecia não apenas no Oeste paulista, no interior de São Paulo, mas também nos grandes centros do Brasil.

De acordo com Silva ressalta que, apesar da Igreja iniciar um processo de romanização no século XIX, foi no século XX que esse processo se deu, e conclui:

Esse processo de renovação da Igreja tem como um dos objetivos afastar os leigos do culto. Neste sentido, os bispos romanizadores contaram com a ajuda de novas ordens religiosas que vieram da Europa, as quais fundaram escolas, que contribuiriam na formação do público feminino.⁴⁴

Souza relata que os “setores do catolicismo se viram obrigados a dialogarem com os ‘novos tempos’ visando delimitar para a Igreja Católica um espaço nesta sociedade”⁴⁵. Assim, a consolidação da Igreja Católica pode ser vista, no século XX, de maneira clara.

⁴² ELIADE, 2008, p. 73.

⁴³ PRIMOLAN, Emílio Donizete. Catolicismo e política: a participação da liga eleitoral católica nas eleições de 1933. In: I ENCONTRO DO GT NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES, 2007, Maringá, UEM, 2007, p. 123. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Primolan,%20Emilio%20Donizete.pdf>. Consultado em: 20 mar. 2015.

⁴⁴ SILVA, Maria de Fátima Santana. *A Pia União das Filhas de Maria da cidade de Goiana: 1906-1920*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2007, p. 74.



D. Lino Deodato R. de Carvalho (1826-1894), ao receber a orientação do Papa Leão XIII, acolheu com boas graças muitos imigrantes e padres estrangeiros que contribuíram para o processo de romanização no Brasil. Tal iniciativa dialogava com a Bula Papal *Quanta Cura*, com o anexo *Syllabus* de Pio IX que buscava unidade para todo catolicismo.

Segundo Cruz, em 1891, é apresentada a “Encíclica *Rerum Novarum*, que iniciava oficialmente a doutrina social da Igreja, fazendo crítica à condição desumanizadora” à qual eram submetidos “os trabalhadores, inseridos na lógica do sistema capitalista”, e fomentaria embates dentro da produção intelectual cristã católica.⁴⁶

A moralidade estava assegurada no processo de romanização que se instaurava na Igreja. Era nada mais do que formar uma moral cuja base era controle e normatização sexual partindo da imagem feminina. A mulher deveria apresentar exemplo como Maria e formar um caráter piedoso e sagrado: “A Pia União das Filhas de Maria foi um dos principais espaços utilizados pela Igreja Católica para a normatização do sexo feminino”⁴⁷.

As pesquisadoras Leonardi e Bittencourt destacam que a imigração de congregações religiosas põe em relação duas instituições, “Igreja e Estado – e uma série de organizações nos países de imigração e de emigração”. Elas estão convencidas de que isto foi uma operação que se insere na política do período republicano, “provavelmente ligada à necessidade de oferta de alguns serviços básicos como: educação e saúde e na política de romanização”⁴⁸.

Assim, entendemos que o interior paulista não está à margem da ação eclesiástica e dos fatores históricos do processo de romanização. Neste sentido, havia uma forma de mundo, talvez diferente da capital, mas que se inseria, com suas particularidades, nos processos históricos do interior do Estado de São Paulo.

⁴⁵ SOUZA, Ioneide Maria Piffano Brion de. Construindo identidades: a Pia União das Filhas de Maria e o catolicismo romanizado. In: XIV ENCONTRO NACIONAL ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO - UNIRIO. Rio de Janeiro, Unirio/ANPUH, 2010, p. 1. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1275852667_ARQUIVO_Construindoidentidadescomunicacaoanpuh2010textofinal.pdf. Consultado em: 20 mar. 2015.

⁴⁶ CRUZ, André Silvério da. O pensamento católico à procura de lugar na Primeira República Brasileira. In X SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES. Assis/SP, Igreja Católica, 2008, p. 5.

⁴⁷ ALMEIDA, Luiz Nunes. *Rio Tietê Estrada Lúquida dos Romeiros do Divino Espírito Santo*, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008, p. 75.

⁴⁸ LEONARDI, Paula; BITTENCOURT, Águeda B. Congregações e ordens no Brasil: princípio da construção de um mapa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ORDENS E CONGREGAÇÕES EM PORTUGAL. Memória, Presença, Diásporas. Lisboa, 2010, p. 1.



Considerações finais

A cidade de Conchas, no interior de São Paulo, é colocada no mapa do processo de romanização, evidenciando que todo o movimento ultramontano em curso no Brasil também está em processo nas cidades do interior paulista.

O tema de moral cristã, educação cristã, votos cristãos e outras formas de manifestações que possam aparecer era cultivado pela Pia União das Filhas de Maria. Essa Associação teve um papel fundamental naquela região, pois conservou a mística católica.

Com papel atuante na sociedade, torna-se referência para a organização das festas sagradas. Havia uma necessidade de conservação deste estilo de vida, e os objetivos da Associação, na cidade de Conchas, eram claros, por configurar e contribuir com a religiosidade católica.

Se no século XX as ordens católicas tinham finalidade do controle social vigente, como destacamos, na cidade de Conchas, por um momento, elas tiveram êxito no que diz respeito à vivência católica.

O repúdio à vida pagã sempre fez o devoto católico denunciar os escândalos que seus membros cometiam. Os costumes antigos não entendidos pela Igreja também começam a ser incompreendidos pela Associação. Mas o importante de tudo isso era a forma de educação, como ela se estabelecia, como se formava e o que ensinava de maneira catequética.

A cidade de Conchas em São Paulo tem como herança cultural a Associação da Pia União da Filhas de Maria, e isso não pode cair no esquecimento, pois elas moldaram a sociedade e tentaram formar um mundo à maneira ultramontana.

Referências

- ALMEIDA, Luiz Nunes. *Rio Tietê Estrada Líquida dos Romeiros do Divino Espírito Santo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.
- AMARAL, Walter Valdevino do. *Atas da Reunião Mensal das Pia União das Filhas de Maria*. Vol. I. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, v. 3, n. 5, RBHCS, julho de 2011.
- ANDRADE, Maria Lucélia. *Filhas de Eva como Anjos sobre a Terra: A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) –Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.



ATA DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA [escrita e dirigida por João Quirino de Almeida]. Igreja de Conchas, 1934 – 1940.

BRION, Ioneide M. Piffano. *As Filhas de Maria: uma História Social da Pia União*. Juiz de Fora: UFJF, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3810/1/ioneidemariapiffanobrion.pdf>.

Consultado em: 15 maio 2021.

BRITO, Eliane Maria. *A romanização no Espírito Santo: D. João Nery (1896 – 1901)*. Dissertação (mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARVALHO, D. Lino Deodato Rodrigues de. *Carta de D. LINO DEODATO RODRIGUES DE CARVALHO, por Mercê de DEUS e da SANTA SÉ APOSTÓLICA. Bispo de São Paulo, do conselho de sua Magestade O Imperador, etc. etc. etc.* [a João Batista Camargo, para Paróquia da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Pereiras, concede licença a missas e outras celebrações dos sacrifícios da fé]. Botucatu-SP, Cúria Diocesana, Caixa 01, 22 de dezembro de 1890.

CAVALCANTE, Joaquim Arcoverde de Albuquerque. *Carta de D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante/por Mercê de Deus e da S. SÉ APOSTÓLICA* [Bispo de S. Paulo, Prelado Domestico de S. S. LEÃO XIII neste dia 7 de Abril de 1896]. São Paulo, Folha 4/2 Livro 49, 1896.

CAVALCANTE, Joaquim Arcoverde de Albuquerque. *Carta que passa a informar-vos sobre o actual estado desta freguesia de Conchas, cujo padroeiro é Bom Jesus* [Bispo de S. Paulo, Prelado Domestico de S. S. LEÃO XIII neste dia 24 de Março de 1905]. Botucatu, Cúria Diocesana, Caixa 1, Folha 16, 1905.

CRUZ, André Silvério da. O pensamento católico à procura de lugar na Primeira República Brasileira. In: X SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES. Assis-SP, Igreja Católica, 2008.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos).

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas: Vol. II*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

FILHA DE MARIA: Como deve ser a vida e a morte de uma boa Filha de Maria – Manual da Pia União das Filhas de Maria. São Paulo: Ave Maria/Imprimatur-Mons. Pereira Barros, 1929.



FOLHA DE CONCHAS. Semanário dedicado aos interesses da Comarca. Conchas e seu Desenvolvimento, ano 5, n. 198. São PAULO/Conchas. Registrada no D.N.I, 8 de Julho de 1949.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ID. *História e memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. p. 535-549. (Coleção Repertório).

LEONARDI, Paula; MAZOCHI, Leticia Aparecida. Revista, Santuário e escola: a atuação dos saletianos na educação no Brasil. *Pro-Posições: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação*, Campinas/SP: UNICAMP, v. 25, n. 1 (73), p. 99-116, jan./abr. 2014.

LEONARDI, Paula; BITTENCOURT, Águeda B. Congregações e ordens no Brasil: princípio da construção de um mapa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ORDENS E CONGREGAÇÕES EM PORTUGAL. Memória, Presença, Diásporas. Lisboa, 2010.

NOTÍCIAS DO INTERIOR. *Correio Paulistano*, Conchas-SP, edição 24259, 24 de abril de 1935, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_08&pagfis=7498&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Consultado em: 20 mar. 2021.

OLIVEIRA, Fábio Falcão. *Educação jesuítica; século XVII: Alexandre de Gusmão e o Seminário de Belém da Cachoeira*. 2014. Tese (doutoramento em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, 2014.

OLIVEIRA, Gustavo de Souza. Em favor da virtude: romanização e as filhas de Maria. *Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*, v. 1, n. 2, ago./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5372>. Consultado em: 20 mar. 2015.

PRIMOLAN, Emílio Donizete. Catolicismo e política: a participação da Liga Eleitoral Católica nas eleições de 1933. In: I ENCONTRO DO GT NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES, 2007. Maringá, UEM, 2007. p. 123-123. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Primolan,%20Emilio%20Donizete.pdf>. Consultado em: 20 mar. 2015.

ROGERS, Rebeca. Congregações femininas e difusão de um modelo escolar: uma história transnacional. *Pro-Posições: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação, Unicamp*. Campinas/SP: UNICAMP, v. 25, n. 1 (73), p. 55-74, jan./abr. 2014. Disponível em:



<http://www.scielo.br/j/pp/a/YrfNKfpJ96cghcWKt86yqfj/abstract/?lang=pt>. Consultado em: 20 mar. 2015.

ROMANO, Cristina de Toledo. *Santa Cecília: uma paróquia na confluência dos interesses da elite paulista e da Igreja Católica entre 1895 e 1920*. 2007. Tese (doutoramento em História) – USP, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04062008-100904/publico/TESE_CRISTINA_TOLEDO_ROMANO.pdf. Consultado em: 20 mar. 2015.

SEIDL, Ernesto. Catolicismo e formação cultural. *Pro-Posições: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação, Unicamp*. Campinas/SP: UNICAMP, v. 25, n. 1 (73), p. 25-30, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642473>. Consultado em: 20 mar. 2015.

SEIDL, Ernesto. Caminhos que levam a Roma: recursos culturais e redefinições da excelência religiosa. *Revista Eletrônica Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 263-290, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ha/a/JvG36t4gDGrm69RcDcMBPrF/?lang=pt>. Consultado em: 20 mar. 2015.

SILVA, Maria de Fátima Santana. *A Pia União das Filhas de Maria da cidade de Goiana: 1906-1920*. 2007. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

SOUZA, Ioneide Maria Piffano Brion de. Construindo identidades: a Pia União das Filhas de Maria e o catolicismo romanizado. In: XIV ENCONTRO NACIONAL ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO - UNIRIO. Rio de Janeiro, Unirio/ANPUH, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1275852667_ARQUIVO_Construindoidentidadescomunicacaoanpuh2010textofinal.pdf. Consultado em: 20 mar. 2015.

WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987.